

Meu Lugar na UFRGS

A mãezona da Gráfica



GUSTAVO DIEHL/SECOM

Não é preciso grande sensibilidade ou poder de observação para notar o forte vínculo afetivo da diretora da Gráfica da UFRGS, Jussara Smidt Porto, com o lugar em que trabalha há quase 30 anos. Antes da entrevista, Jussara fez questão de avisar que está licenciada até janeiro para fazer seu doutorado, o que, segundo ela, poderia fazer com que a nossa conversa não rendesse material. No entanto, não só alcançamos 36 minutos de gravação (em que por duas vezes se emocionou a ponto de embargar a voz e se segurar para não deixar as lágrimas rolares), como também ficou de recordação um registro, escrito à mão, de duas páginas frente e verso, que Jussara trouxe para não esquecer os detalhes que considera mais importantes da sua história.

No cuidadoso relato em que resgata as primeiras experiências na “Gráfica”, que aparece sempre grafada com a primeira letra maiúscula, lembra que começou desempenhando a função de atendimento em 1989, dois anos depois de completar a graduação em Comunicação Visual na Universidade Federal de Santa Maria. Teve alguns períodos de afastamento, entre eles para a gravidez que gerou seus filhos gêmeos e para exercer a função de vice-pró-reitora de Extensão, até o retorno definitivo para assumir a direção da gráfica em 1996. Na época identificou aqueles que seriam seus dois maiores desafios: enfrentar as dificuldades técnicas de um equipamento precário e mudar a mentalidade vigente, pregando o comprometimento com prazos e a qualidade do serviço, mesmo sem dispor de artifícios, como os incentivos usados na iniciativa privada. Na base do diálogo e do estreitamento de relações, os resultados começaram a aparecer. “Foi preciso fazer as pessoas notarem que mesmo estando dentro do serviço público não podíamos pensar que ‘ah, não deu’. Não tem ‘não deu’, tem que dar! E essa mudança

não foi imposta, foi muito intuitiva; eu não tenho formação administrativa e às vezes até me criticavam: ‘a Jussara é a mãezona da gráfica’ – porque eu ficava conversando, e essa era a única troca possível de fazer: respeitar as pessoas e valorizar o trabalho, porque não tem outra coisa para oferecer, não tem um bônus para dar”, pontua.

Tendo um atravessamento tão intenso durante três décadas, é natural que os caminhos de Jussara e da Gráfica ainda permaneçam indissociáveis por algum tempo. Para cursar o doutorado, Jussara está afastada de suas funções de diretora, mas não completamente alheia ao seu local de trabalho. Sua tese trata do reaproveitamento dos resíduos para a formação de novos materiais, estudo em que tem apoio da área de engenharia de materiais. Faltando pouco mais de um ano para a sua aposentadoria, Jussara planeja voltar às atividades na Gráfica, mas prevê mudanças na rotina. “Não pretendo voltar para a direção, porque me sinto mais uma conselheira. Meu olhar vai ser de ajudar a nova direção para que ela conheça os caminhos. Vou dar apoio e continuar fazendo projetos para arrecadar recursos para a Gráfica e ajudar nos direcionamentos que vão ter”.

Uma história longa, e não tem ainda data para terminar. Até porque a motivação foi um dos assuntos que levou a emoção a falar mais alto no relato de Jussara: “Eu tenho dois filhos e sempre pensei: ‘O que vou deixar pra eles?’. Tenho que deixar minha trajetória e exemplo de vida, e no meu trabalho me realizei completamente, conciliei o profissional com o familiar. Foi prazeroso. O que fica é que valeu a pena o meu trabalho. Foi uma trajetória de conquistas e realizações”.

Emerson Trindade Acosta,
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Os vários caminhos e rumos de um linguista

O avião em que Pedro, ainda adolescente, embarcou rumo aos Estados Unidos para fazer intercâmbio fez com que ele seguisse vários caminhos. Não só o que o levou ao norte das Américas, mas também os que conduziram a decisões e interesses pelos quais ruma sua trajetória até hoje. Pedro de Moraes Garcez, 53, é professor titular no Instituto de Letras da UFRGS, onde atua nas áreas de Linguística Aplicada e Sociolinguística e também na formação de educadores. O interesse pela linguagem e pelas formas de fala se deu durante essa experiência de cursar o Ensino Médio no exterior, em que Pedro se descobriu falante de uma língua que tinha um limite de circulação no planeta – e justamente isso despertou nele a curiosidade para esse mundo mais amplo.

Em terras brasileiras, às quais retornou para cursar o ensino superior, Pedro escolheu o Jornalismo. Com um ano na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), percebeu que o seu interesse pela comunicação, na verdade, não se referia ao curso que havia escolhido, mas, sim, à área da Linguística, que estuda os aspectos da linguagem humana e que, segundo ele, as pessoas costumam não conhecer na educação básica. O contato com a área se deu quando Pedro cursou uma cadeira extracurricular no Instituto de Letras, onde acabou ingressando em 1985, depois de um ano como estudante de Jornalismo.

A oportunidade de conhecer o sistema acadêmico dos Estados Unidos fez também com que

Pedro voltasse anos mais tarde àquele país, dessa vez para o doutorado. Após concluir o Mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1992, o professor foi para a Universidade da Pensilvânia, onde realizou o seu doutoramento em Educação, Cultura e Sociedade. A escolha do curso não se deu com base em uma vontade de ir para fora do Brasil, mas, sim, pelas opções que o sistema de ensino oferecia, baseado em um currículo flexível aos interesses e às necessidades de cada aluno, e não em um currículo rígido – que é a prática comum no Brasil.

Essa vivência no exterior – complementada pelo estágio de pós-doutorado realizado no Canadá – dialoga bastante com um dos temas de pesquisa de Pedro, que investiga a interação social e a etnografia da produção conjunta de conhecimento, da escolarização e da formação de professores. O docente também estuda temas como a diversidade sociolinguística e as políticas linguísticas e ministra as disciplinas de Linguística e Ensino e Introdução à Linguística Histórica. A primeira, segundo ele, é a cadeira que lhe dá a reputação de sério, rígido ou até mesmo de ogro, como ele mesmo brinca em meio ao riso, embora veja a si próprio como um professor aberto. “Essa disciplina dá formação aos alunos de Licenciatura. Ela é difícil, porque confronta os alunos com o fato de que eles estão em um curso de formação de professores, e isso pode ser chocante”, argumenta. O professor explica que o assunto se torna ainda

mais difícil – e necessário – no contexto em que a educação se encontra, diante do desprestígio sofrido pelos docentes por parte da sociedade e do Estado.

A personalidade rígida, na verdade, é apenas uma das várias facetas que se escondem dentro do professor Pedro em sala de aula. Ele cultiva hobbies pouco óbvios para um professor de Letras. O interesse pela natureza é um deles. Há alguns anos, seu vocabulário, tratando-se de botânica e de ornitologia (ramo da zoologia que estuda os pássaros), cresceu. Observar as árvores e os pássaros é uma prática comum em sua rotina no Câmpus do Vale, que abriga uma extensa área arborizada. “Durante as ocupações, em 2016, eu disse para os alunos para nos encontrarmos embaixo da timbaúva, e os alunos indagaram: ‘Timbaúva? O que é uma timbaúva?’”, relembra com bom humor.

Tratando-se, ainda, da vivência externa à sala de aula, a quantidade de tarefas e atividades não permite muito descanso a Pedro. Além da pesquisa e da docência, recentemente ele passou a atuar como editor associado do *Journal of Sociolinguistics*, uma revista internacional da área de estudos da linguagem. A intensa carga horária, entretanto, não é vista como algo negativo. “Acho que estou sempre ligado. Mas eu não estou fazendo nada que seja distante dos meus interesses, o que, para mim, é uma conquista”, conclui.

Isabel Linck Gomes,
estudante do 4.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



GUSTAVO DIEHL/SECOM